



**SUMMARIO**

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*A terra*, soneto, por Sergio de Castro;—*As confissões*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*Perfis*, versos, por Luiz da Silva;—*A occupação de Tungue*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*O Prego*, conto, (continuação), trad. de Alfredo

Gallis;—*A Leitora*, conto, por José Maria da Costa;—*Os casinos militares na Allemanha*, por Castor;—*As nossas gravuras*;—*A familia*, conto, por Paulo Féval;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS:—*Angola*;—*Azeitão: Palacio e quinta de Affonso de Albuquerque, Bacalhóia*;—*Dr. Augusto da Fonseca Coutinho*;—*Offerecendo a sorte*;—*Modas*;—*Adonis (Do esculptor portuguez, Soares)*.



ANGOLA

## CHRONICA

Lisboa, a rainha do Atlantico, pela sua posição geographica, pela sua belleza fascinadora e poetica, pelo seu clima suave como uma caricia de mulher, tem saído fóra do commum esta ultima semana, e tem tido a audacia, a perfida, de nos mimosear com um frio intenso, como só se sente nas ruas de S. Petersburgo, onde os mongiks batem o solo com as suas botas solidas e agitam os anneis das suas opulentas cabelleiras loiras.

Berrrr!

Isto não obsta, porém, a que os perfis aristocraticos das nossas gentis damas da alta sociedade se mostrem na Avenida, das 4 ás 7, entre a rotunda e o obelisco da praça dos Restauradores.

Os chronistas elegantes, os ditosos que já viram Paris, dizem, com uma soberba monumental, que não se encontra melhor no Bois. Devemos crer e encher-mos de uma satisfação suprema.

\*

Descendo da Avenida aos salões, vemos, com infinito regosijo, que os opulentos representantes do milhão principiam a comprehender a sua alta missão elegante. Abrem-se os salões do Porto Covo, do Penha Longa, do Valbom, etc.

Ainda não é tudo. Faltam as *matinées musicales*, em que podiam brilhar tantos talentos; faltam as grandes soirées litterarias e musicas, que dão o tom caracteristico a uma sociedade culta; faltam as comedias finamente representadas, como ha annos succedia, com um exito sem egual, no palacio Palmella; faltam os bailes de costumes, proprios da epoca.

Contentemo-nos, porém, com o que ha, e façamos votos para que, ao menos este anno, se repita a graciosa batalha das flores, pois que flores, carruagens, juventude e alegria, não nos faltam.

\*

Passando dos salões aos theatros, vemos em S. Carlos o culto pela musica levado ao alto grau de se desdobrar em mais duas recitas a assignatura da Patti, de se cobrir de flores e de applausos o talento nascente de Regina Pacini, e de se preparar uma recita de amadores com o *Fausto*.

Symptoma animador!

A grande arte desperta e avassalla todas as inclinações artisticas; o nosso temperamento meridional expande-se nas commoções do bello.

Já que o governo, afflicto com os eancans da politica, não se resolve a ser gentil, creando um conservatorio de musica, digno do desenvolvimento do gosto publico, juremos sobre os nossos claques de diletanti, uma protecção calorosa a esses intrepidos amadores e futuros artistas.

\*

O glorioso auctor do *Duque de Vizeu*, traduziu para verso portuguez o drama de Delavigne, *Luiz XI*. Está em ensaios para a festa artistica do actor João Rosa, que desempenha o papel de protagonista.

O assumpto e a epoca teem suas parecências com o *Duque*, e, portanto, Lopes de Mendonça achou-se á vontade na plena irradiação do seu estro dramatico.

José Ignacio de Araujo tambem traduziu, em verso, a soberba comedia, igualmente em verso, de Theodoro de Banville, *Socrates e sua mulher*. Será representada em D. Maria, onde já entrou em ensaios.

Tivemos occasião de ler alguns trechos do original, n'um jornal de Paris, e podemos affiançar que é um trabalho de um sabor litterario delicadissimo, digno do nosso elegante palco normal.

Como se vê, ha trabalhos de primeira ordem no horizonte artistico e respira-se largo nos dominios da arte.

\*

Vae encerrar-se tambem o *Grupo do Leão*, o nosso pequeno *salon* d'este anno. A chronica local, durante a exposição, fez o seu dever, incitando o publico e animando os pintores. Pelas acanhadas salas da rua Ivens, offerecidas gentilmente pelo nosso collega, o *Commercio de Portugal*, passou o sopro perfumado do n sso *high-life*, como uma consagração á coragem e ao talento d'esse bello grupo de rapazes.

Os quadros que elles não poderam expor n'uma galeria propria, fôram enriquecer muitos salões e duplicar de realce, pela sua melhor collocação e pelo confronto com outros.

O exito, cada vez mais notavel, do sympathico grupo de artistas, não é uma das menos gloriosas revelações da revivescencia nacional.

\*

Ensaiam se á pressa, nos nossos theatros mais populares, as revistas do anno; e o publico ruidoso, o que gosta do escandalo e dos manjares apimentados, salta de contentamento.

Vae pois a parte mais pittoresca da população ter o seu parlamento, aquelle de que mais gosta, onde se desdobra todo o vasto estendal da intriga politica, colorida pelas tintas truanescas da galhofa, apothosada pela *mise-en scène* mais ou menos deslumbrante, e popularisada pela musica ligeira dos maestrinos nacionaes.

Isto sempre agrada mais e diverte mais o povo, do que as pesadas objurgatorias dos graves conselheiros do parlamento, apopleticos de indignação postiça e com uns narizes de cera de metter medo.

Deixemos a bella alma popular expandir-se na gargalhada franca e saudavel de um povo sem cuidados e sem... licenças. Deixemos rir o povo, meus senhores. O riso é a philosophia do pobre; aos seus golpes acardos teem baqueado, no pó do esquecimento e do ridiculo, os maiores potentados das... secretarias do Terreiro do Paço.

AZULAY.

## A' TERRA

Come, devora o corpo inanimado,  
Crava os dent s. vilã, torpe mastim,  
Mas olha que commettes o peccado  
De Saturno, excrecencia de Caim.

Dás o pão, das o fructo sazonado,  
Mas é já na intenção cruel, ruim,  
De repletar o ventre esfomeado  
Em mais farto e opiparo festim.

Eu chego já a ver nas tuas flôres,  
Nas rosas, nos jasmims, nas pionias,  
Uns cynicos sorrisos impostores...

Não são ellas, de certo, as alegrias  
Do teu amor de mãe, mas os primores  
Que te encobrem as vis hypocrisias.

SERGIO DE CASTRO.

## AS CONFISSÕES

(Arsène Houssaye)

EXCERPTOS

I

Quando Theophilo Gautier me conduziu a casa de Victor Hugo, era o poeta o Victor Hugo da praça Real, um rei que tinha uma corte.

Mas o homem pareceu-me tão grande, que não vi em torno d'elle senão infinitamente pequenos, a começar por Theo, que se humilhava na poeira do sol.

A minha apresentação foi quasi comica, porque Theo, que estudava uma phraseologia especial, não dizia as cousas como a outra gente.

«Oh! grande Victor Hugo, apresento-lhe um poeta dos nossos, natural do paiz de João Racine, mas não lhe queira mal por isso.»

—Ah! disse Victor Hugo, se João Racine não tivesse feito tragedias, que grande homem seria para a França, elle que tambem se envolvia no manto dos deuses!»

Pela minha parte, não sabia o que havia dizer. Desejaria poder advogar a causa do meu compatriota—a despeito das suas tragedias;—receiando, porém, ser tomado à conta de selvagem, alludi a outro patricio, João de la Fontaine.

«Oh! quanto a esse, exclamou Victor Hugo, faz contos encantadores; aprecio o pelos seus contos, e não pelas suas fabulas, porque se os seus contos são de um poeta do seculo XVII, as suas fabulas são de um Sancho Pança a cavallo sobre o sr. de la Palisse.»

Não acreditava uma palavra do que dizia Victor Hugo, nem elle tão pouco; tratava-se, porém, de divertir a galeria. E depois, a disciplina da escola!

«Nota, observou-me Ourliac, que Victor Hugo não sabe julgar senão o seu merito, conferindo sempre a si mesmo o primeiro logar.

Tinha razão.

E' a historia de todos os chefes do imperio, imperio litterario, imperio politico.

Se o orgulho não se levantar no alto do throno, virá outro que usurpará a corôa.

Victor Hugo, moço, como Napoleão na sua gloria, passava já do seu consulado ao seu imperio, em seguida ás victorias e conquistas do palco.

Reparei que os alojamentos do grande poeta eram verdadeiramente principescos; mas fiz notar a Theo que a ceia deixava um pouco a desejar. Servia-se apenas uma chavena de chá aos privilegiados.

Só o espirito alli entrava, o estomago tinha de ficar á porta.

A sala era o portico: considerava-se feliz o que ahí podia comer um figo e beber um copo d'agua.

Victor Hugo desforrou-se mais tarde, franqueando a sua meza, quotidianamente, com exuberancia de coração e de assado.

E os pobres poetas poderam afinal deixar entrar o estomago.

\*

Leonardo de Vinci ocultava a sua arte á força de arte.

Alfredo de Musset escondia a sua poesia á força de paixão.

Mas as duas mulheres que devoraram a sua vida, fôram George Sand e a princeza Belgiojoso.

O poeta não logrou nunca curar-se d'essas duas mortaes paixões.

Oito annos depois d'essas grandes commoções, estavamos uma noite no theatro Francez, no camarote de A. B, quando Alfredo de Musset me perguntou de repente, se eu tivera alguma vez a dita de ser expulso por uma mulher.

Respondi que essa dita me havia sido concedida frequentes vezes.

—Que fatuidade! exclamou Musset. Pela minha parte, confesso humildemente que até hoje nenhuma mulher me dispensou a honra de me bater com a porta na cara.»

No camarote, ao lado, duas actrizes escutava n attentamente. Alfredo de Musset captivava a attenção, sempre que fallava de si, o que raro lhe succedia.

«Uma noite, voltou elle, fui a casa de uma princeza bem conhecida, decidido a tudo, como o heroe da tragedia de Ponsard, como o proprio Sextus, á parte a espada. Comecei por me prostrar de joelhos; declarei que estava farto de suspirar em vão. Fallei alto, brutalizei a senhora. Comparei-a á Montesperan, que faz de virtuosa com Lauzun, a quem ama, e que se dá ao rei, a quem não ama, o que é o cumulo do aviltamento. Sabe o que fez a princeza? Desatou a rir e disse-me: «Acompanhe-me». Pegou-me suavemente na mão. Senti-me quasi aterrado com o meu triumpho. Deixei-me conduzir com a illusão de um namorado...

Chegados á alcova, em vez de lançar-se nos meus braços, a princeza atirou-me para os braços de uma antiga amante, que não me queria, a quem eu não queria, mas que não me permittia ser feliz com outra.»

Alfredo de Musset não pronunciou o nome d'essa antiga amante: mas de certo reconheceram a heroína de Veneza. Não contente com o mal que fizera ao poeta, Lelia não frequentava a casa da princeza, senão no intuito de oppôr-se á ligação dos dois.

Historia natural das mulheres! diria Buffon.

Alfredo de Musset rira, a principio, mas ao evocar essas duas crueis figuras que tinham pregado a sua vida á paixão, empallideceu e pagou no chapeo, repetindo os seus ultimos versos da *Morta*:

Elle est morte et n'a point vécu.  
Elle faisait semblant de vivre.  
De ses mains est tombé le livre  
Dans lequel elle n'a rien lu.

O livro da paixão, leu-o Alfredo de Musset desde a primeira até á ultima pagina. Houve sempre uma mulher na sua existencia,—a partir do berço até ao dia em que poz o pé no tumulo.

Não se sabe ao certo o nome de todas as mulheres amadas pelo poeta.

Lelia offuscou todas, com quanto não fosse a mais formosa. Fascinara-o com os seus olhos negros, alternadamente aveludados e crueis.

Esse loiro de olhos azues, não gostava senão dos olhos pretos.

Nas heroínas dos seus romances, depara-se-nos a galeria d'essas mulheres, desde a marquezinha d'Amaegui até Mimi Pinson,—porque o poeta tambem teve a sua *grisette*,—a ultima *grisette*. Levou-a para um chalet, em pleno bosque de Montmorency, para comerem juntos cerejas e colherem malmequeres.

Foi em seguida ás duas grandes paixões, gravadas a agua forte no poema das *Noites*.

As ceias bohemias não obstaram nunca a que o poeta trouxesse no seu coração um amor idealizado,—como as Magdalenas d'Angelo de Fiésole trazem nas mãos lyrios e rosas.

GUIOMAR TORREZÃO.

## PERFIS

II

## BERTHA

(A Henrique de Mendonça)

A Bertha morreu, coitada,  
D'amor—affirmava a gente—  
E chorava tristemente,  
Essa creança rosada!  
A Bertha morreu, coitada,  
D'amor—affirmava a gente.—

E o pae, um pobre ancião,  
Dava mostras de loucura,  
Deitado sobre o caixão  
D'aquella bonina pura...  
E o pae, um pobre ancião,  
Dava mostras de loucura.

Finalmente, ella enterrou-se:  
E o coveiro até chorava...  
Um passarinho cantava  
Uma canção triste e doce...  
Finalmente, ella enterrou-se,  
E o coviro até chorava...

LUIZ DA SILVA.

## A OCCUPAÇÃO DE TUNGUE

II

Estava, como vimos, a bandeira portugueza hasteada na ilha de Tecamagi, na bahia de Tungue, e o sultão de Zanzibar promettia castigar o governador de Tungue, que mandára derrubar a nossa bandeira em Macoloe. Ao mesmo tempo intervinha officiosamente a Inglaterra, pedindo que se evitassem conflictos com o Sultão, afim de tudo se poder resolver de um modo pacifico. Infelizmente, porém, o Sultão não fizera a promessa senão para obter

a suspensão da nossa occupação da bahia, e, logo que se vio que tudo era falso, e tendente a distrahir-nos, o sr. governador geral de Moçambique deu ordem para que proseguisse a occupação.

Foi ainda o coronel Palma Velho o encarregado da execução d'estas ordens, e partiu do Ibo para a bahia de Tungue, com os hiates da provincia, *Barbosa du Bocage e Mello Gouvea*. Para a bahia de Tungue seguia tambem o proprio commandante da divisão naval, o capitão de mar e guerra Silva Costa, valente official da nossa armada, conhecido pela alcunha de *Costa Carapinha*, já hoje fallecido. A presença da canhoneira, que é um navio grande e bem artilhado, infundia receio aos arabes, e, quando o coronel Palma Velho participou ao governador arabe de Tungue que ia estabelecer a bandeira portugueza com uma guarda de sargento ao sul do rio Meninguene, devendo elle ter recebido ordem do sultão para consentir n'este acto, o governador respondeu que não tinha semelhantes ordens, mas que se não opporia a essa occupação. Assim succedeu, e o coronel Palma Velho, escolhendo sitio proprio para n'elle arvorar a bandeira, passou no dia 20 de janeiro de 1886 a força portugueza e a bandeira, da ilha de Tecamagi para o continente.

Comtudo, no dia seguinte soube que uma força zanzibarita voltára a occupar Macoloe, e que de novo a de Zanzibar fluctuava no sitio onde tremulava a bandeira portugueza.

Indignado com esta nova perfidia, o coronel Palma Velho deliberou corajosamente recorrer à façanha que anteriormente praticára e ir sosinho intimar os arabes para se retirarem. A sua coragem teve o mesmo feliz resultado que tivera da primeira vez, e a força arabe retirou immediatamente, ficando occupado o sul do rio Meninguene e o dominio effectivo portuguez levado a mais 70 kilometros ao norte do ultimo ponto occupado pelos Portuguezes desde 1837.

A força zanzibarita retirou-se para Lindi, e parece que o governador de Tungue esperava que a esquadra internacional, que era esperada na bahia, obrigasse os Portuguezes a reoccuparem as suas antigas posições, e a se restringirem a ellas.

A esquadra internacional, trazendo a bordo a commissão de limites, chegou effectivamente por essa occasião à bahia de Tungue; compunha-se de um navio allemão, outro inglez e outro francez.

Observou as operações dos portuguezes, que tinham cozido com a terra a chalupa *Algarve*, afim de mais facilmente desembarcarem os objectos destinados à formação de uma povoação n'aquelle local. Depois, o commandante da canhoneira allemã, Hoffmann, veio a bordo da canhoneira portugueza, *Vouga*, e perguntou ao capitão de mar e guerra, o sr. Silva e Costa, se a nossa fronteira era o rio Meninguene. Silva e Costa respondeu que os limites da nossa occupação effectiva eram na verdade o rio Meninguene, mas que os nossos direitos territoriaes se estendiam até ao cabo Delgado. A esquadra retirou sem mais observações.

Foi isto o que motivou o telegramma enviado pelo governador geral de Moçambique ao ministro da marinha, concebido nos seguintes termos:

«Moçambique, 3 de fevereiro de 1886.

Bandeira portugueza margem sul Meninguene; toda a costa occupada até alli, annuncia sultão; attitudo energica governador Palma, cooperação intelligente, effcaz, navios divisão commandante Costa. Navios de guerra inglez, allemão, francez, commissão internacional limites appareceram Tungue, mas retiraram perante attitudo navios portuguezes. Grande contentamento povos dominio portuguez. Perfena segurança. Governador geral»

Nesse mesmo dia respondia o ministro, dizendo «Felicito-o, louve quem o coadjuvou».

Era esta a situação da questão de Tungue no momento em que saio do poder o ministerio regenerador. Eram os seguintes os resultados obtidos, segundo se lê n'um dos officios do governador de Cabo Delgado:

«Quatrocentos homens de tropas de Zanzibar defendiam a costa, impedindo o desembarque dos portuguezes; na sua presença o governador do districto desembarcou, arvorou a bandeira e occupámos;

Resolvemos uma pendencia que existia por mais de 40 annos;

Fixámos um limite, destruindo assim um foco de escravatura, que desapareceu com a nossa authoridade;

Conquistámos 70 kilometros da costa, tal é a distancia em linha recta do rio Mucimbua à bahia de Tungue.

N'uma tal extensão, o commercio e os indigenas, protegidos pela nossa bandeira e força armada, devem trazer para o districto mais prosperidade e civilização, como todos desejamos.»

Durante um anno ficaram as coisas n'esta situação, e o assumpto voltou a tratar-se por meio diplomatico. Era nosso consul em Zanzibar o talentoso explorador Serpa Pinto, homem tão decidido na acção diplomatica como na iniciativa descobridora. Por mais de uma vez estiveram as negociações completamente cortadas, e o consul portuguez ameaçou o sultão com a sua retirada, até que enfim o governo portuguez poz de parte o expediente dilatorio das negociações e procedeu à occupação. Para isso teve de armar rapidamente o governador de Moçambique com os meios necessarios para uma acção effcaz e energica. O navio que partiu logo de

Lisboa, apenas o nosso consul em Zanzibar participou o estado das negociações, e o visivel desejo que o sultão mostrava de as querer protelar sem nos dar a justa satisfação que reclamavamos, foi a corveta ou antes o cruzador *Affonso de Albuquerque*, excellente navio construido em Inglaterra, que acabava de levar El-Rei ao norte da Europa, e que, desde que entrara em Lisboa depois de construido, não cessára de prestar serviço.

Effectivamente, apenas chegado, recebeu ordem para partir para Angola. Foi a *Affonso de Albuquerque* o navio chefe na expedição da occupação do Zaire, depois permaneceu em Angola prestando constantes serviços, até que recebeu ordem de seguir para o Brazil. Do Brazil regressou a Portugal, e immediatamente, sem mudar de tripulação nem de commandante, foi posto ás ordens de El-Rei e com Sua Magestade seguiu para Plymouth.

Quando teve de regressar a Portugal, estava mau tempo, e o almirante inglez Phillamore advertiu a El-Rei que era perigoso encetar uma navegação com esse tempo e n'aquelles mares. El-Rei, que é pessoalmente um marinheiro intrepido, que já conhecia, demais a mais, o navio em que embarcava, insistiu e seguiu viagem. Chegou a Lisboa com uma viagem admiravel.

Pouco depois de estar em Lisboa, chegavam as noticias de Moçambique, e a *Affonso de Albuquerque* recebia ordem de seguir immediatamente para a Africa Oriental.

Quando lá chegou, Augusto de Castilho, o audacioso governador geral de Moçambique, resolveu-se a ir elle proprio a Zanzibar fazer as reclamações que suppunha justas e que o eram. O sultão acolheu-o com as formas mais cortezes, mas continuou a responder dilatoriamente. Então, Augusto de Castilho mandou arriar a bandeira portugueza no consulado, declarou interrompidas as relações pacificas de Portugal com Zanzibar, e partiu para Moçambique, declarando que, desde o momento que o sultão não se resolvia a entregar-nos os territorios, de que estava indevidamente de posse, ia elle occupal-os.

Contava para isso com o intelligente e energico auxiliar, que tanto contribuiu para as primeiras occupações, o coronel Palma Velho.

Infelizmente, o intrepido official, que recebera como recompensa a commenda da Conceição, graça que não é uma renumeração mas um castigo, porque tem annexos os pesadissimos direitos de mercê, o coronel Palma Velho fôra ao mesmo tempo demittido do seu logar de governador do Cabo Delgado.

Como porém ainda não chegára o seu substituto, pediu-lhe Augusto de Castilho que o não abandonasse n'essa conjunctura, e o coronel Palma Velho, com um patriotismo que o honra extremamente, com uma abnegação que nunca sera bastante louvada, poz de parte o seu justo resentimento, sacrificou-o absoluta e completamente ao serviço do seu paiz, e declarou ao governador de Moçambique que cumpriria as suas ordens.

PINHRIRO CHAGAS.

## O PREGO

(CAUSA CÉLEBRE)

XI

A FATALIDADE

No dia seguinte fui visitar a minha nova amiga à hospedaria dos *Sete Andares* da Alhambra.

A encantadora Mercedes tratou-me como a um amigo intimo e convidou-me a passear com ella por aquelle eden da natureza e templo da arte, e depois convidou-me para jantar.

Fallámos de varias cousas durante as seis horas que estive-mos juntos, e como o thema a que sempre convergiamos era o dos desenganos amorosos, contei-lhe a historia dos amores do meu amigo Zarco.

Ella escutou-a muito attentamente e quando terminei desatou a rir e disse-me:

—Sirva-lhe ao senhor isso de lição para se não enamorar nunca de mulheres a quem não conheça.

—Não creia v. ex.<sup>a</sup>, respondi com vivacidade, que inventei esta historia que lhe referi, porque se me affigure que todas as damas mysteriosas que se encontram em viagem...

—Muito obrigada, porém não prosiga, (e levantou-se rapido, dizendo): Quem duvida de que na hospedaria dos *Sete Andares* de Granada podem alojar-se mulheres que em nada se pareçam a essa que tão facilmente se enamorou do seu amigo na hospedaria de Sevilha? Emquanto a mim não ha perigo de que me enamore de ninguem, porque nunca fallo tres vezes com o mesmo homem...

—Senhora! Isso é o mesmo que dizer-me que não volte.

—Não, isto é annunciar ao senhor ue amanhã de madrugada

da marcharei para Granada, e que provavelmente não nos voltaremos a ver nunca.

—Nunca! O mesmo me disse v. ex.<sup>a</sup> em Malaga, depois da nossa famosa viagem... e no entanto já nos vimos de novo.

—Quem trouxe isto?—perguntou o juiz.

—Um creado.

—Da parte de quem?

—Não me disse nome algum.



AZEITÃO, PALACIO E QUINTA DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE—BACALHOA

Emfim, deixemos livre o campo á fatalidade. Pela minha parte repito que esta nossa despedida será... eterna.

Ditas estas solemnes palavras, Mercedes estendeu-me a mão e fez-me um profundo cumprimento.

Eu retirei-me vivamente commovido, não só pelas frias e desdenhosas palavras que aquella mulher tinha soltado, a descartar-me do seu convívio, mas também pela dôr que vi pintar-se no seu rosto, procurando no entanto sorrir-se, ao dizer-me adeus pela ultima vez.

Pela ultima vez! Oxalá o tivesse sido.

Porém a fatalidade tinha disposto as cousas de outro modo.

## XII

### TRAVESSURAS DO DESTINO

Poucos dias depois, chamavam-me de novo os meus negocios para o lado de Joaquim Zarco.

Cheguei á villa de...

O meu amigo continuava triste e só, e alegrou-se muito em ver-me.

Não tinha sabido mais de Branca porém não a tinha esquecido um só momento.

Indubitavelmente aquella mulher era a sua predestinação...

A sua gloria ou o seu inferno, como elle dizia.

Brevemente veremos que não se enganara n'este supersticioso juizo.

Na noite do mesmo dia da minha chegada, estavamos no seu gabinete, lendo as ultimas diligencias feitas para capturar Gabriella Zahara do Valle, todas ellas infructiferas, quando entrou um agente do tribunal e entregou a Zarco um bilhete assim concebido:

«Na hospedaria do Leão está uma senhora que deseja fallar om o sr. Zarco»

—E esse creado?

—Retirou se immediatamente.

Joaquim ficou pensativo e exclamou com receio:

—Uma senhora! A mim!

Não sei porque, faz me medo esta entrevista. Que te parece, Philippe?

—Que o teu dever de juiz é assistir a ella. Pode tratar-se de Gabriella Zahara.

—Tens razão—lrei. Zarco pegou n'um par de pistollas, envolveu-se na capa, e partiu sem permittir que o acompanhasse.

—Voltou duas horas depois. Vinha agitado, tremulo, balbuciante.

Conheci que uma extrema alegria era a causa d'aquella agitação.

Zarco apertou-me em seus braços, exclamando com júbilo.

—Ah! Se soubesses, meu amigo, se soubesses!

—Nada sei. Que se passou?

—Sou feliz meu Philippe, sou o mais feliz dos homens.

—M s... que ha, homem dizel!

—O convite que recebi para ir á hospedaria...

—Continúa.

—Era d'ella!

—De quem? De Gabriella Zahara?

—Cala te. Quem pensa agora em desventuras? Era d'ella, da outra.

—Porém quem é a outra?

—Quem hade ser? Branca!

O meu amor, a minha vida, a minha alma, a mãe de meu filho.

—Branca! repliquei cheio de assombro. Pois não me disseste que te enganára?

—Ah! não, foi allucinação minha.

—A que padeces agora?

—Não, a que então padeci.



DR. AUGUSTO DA FONSECA COUTINHO

—Explica-te.  
 —Escuta-me. Branca adora-me.  
 —Adiante. Que tu o digas, não prova nada.  
 —Quando nos separámos, Branca e eu, no dia 15 de abril, ficámos em nos reunirmos em Sevilha no dia 15 de maio. Pouco tempo depois da minha partida recebeu ella uma carta em que lhe diziam que era necessaria a sua presença em Malaga, para assumptos de familia, e como podia dispôr de um mez até á minha volta, foi onde a chamavam e voltou a Sevilha muito antes do dia 15 de maio. Porém eu, mais impaciente que ella, acendi á entrevista quinze dias antes da data combinada e não encontrando Branca no hotel, julguei-me trahido... e não esperei. Emfim, passaram dois annos de tormento por uma precipitação minha.

—Porém uma carta tinha evitado tudo.

—E' verdade, mas ella esqueceu o nome d'aquella povoação, cuja promotoria sabes que deixei immediatamente indo para Madrid.

Ah! pobre amigo, exclamei, vejo que queres convencer te de que te esforças por consolar-te... Mais vale assim. Vamos, quando te casas? Porque supponho que uma vez desfeitas as nevoas do ceu, lusirá radiante o sol do matrimonio!

—Não te rias, exclamou Zarco.

—Tu serás o meu padrinho.

—Com muito gosto. Ah! E o teu filho?

—Morreu.

—Tambem isso! Pois senhor!...

—Dens faça um milagre.

—O que dizes?

—Digo... que Deus te faça feliz.

## XIII

## DEUS D'ESTO

Por aqui iam os na nossa conversação, quando ouvimos fortes aldrabadas na porta da rua.

Eram duas da madrugada.

Abrirem, e pouco depois entrou no gabinete um homem, que apenas podia respirar e que exclamava entrecortadamente, com indisciplinavel jubilo:

—Alviçaras, alviçaras, companheiro; ganhámos a partida.

Era o promotor fiscal do julgado.

—Explique-se, collega, disse Zarco off-recendo lhe uma cadeira. Que succedeu para que v. venha a estas horas procurar-me e tão corrente?

—Occorre... occorre... que Gabriella Zahara...

—Como?... que?... interrompemos ao mesmo tempo Zarco e eu.

—Acaba de ser presa.

—Presal gritou o juiz cheio de alegria.

—Sim, senhor, presa, repetiu o fiscal. A guarda civil seguia-lhe a pista ha mais de um mez, e segundo me contou o guarda nocturno que me acompanhou do Casino a minha casa, já a temos no carcere, muito bem guardada.

—Pois vamos lá, replicou o juiz. Esta mesma noite lhe tomaremos declarações. Faça favor de avisar o escrivão da causa. O meu caro collega ouvirá as declarações attenta a gravidade da causa.

Diga que mandem chamar tambem o coiveiro, s'fim de que apresente por suas proprias mãos á accusada a cabeça de D. Alfonso.

Ha tempo já que tenho seismado n'esta horrivel acareação dos dois esposos, na certeza de que a criminosa não terá valor para negar o seu crime ao ver aquelle prego de ferro, que na bocca da caveira parece uma lingua accusadora.

Emquanto a ti, disse-me Zarco, feras o papel do escrevente, para que possas presenciar, sem infringimento da Lei, scenas tão interessantes.

Nada lhe respondi. Entregue o meu infeliz amigo á sua alegria de juiz, não havia concebido a horrivel suspeita que sem duvida já vos agita a vós, leitores. Porém eu sentia que creava raizes no meu coração a desconfiança de que Branca e Gabriella Zahara eram uma e a mesma pessoa.

Restava-me ainda uma esperança...

—Diga-me, perguntei ao promotor, emquanto Zarco se preparava para sair:

—E onde estava Gabriella quando a prenderam os guardas?

—Na hospedaria do Leão, respondeu o fiscal.

A minha angustia não teve limites.

## A LEITEIRA

Aquelle presbita tinha perdido pae e mãe, e, subitamente, partido a prolella chamae que a ligava á vida social, rolara na indifferença publica, como um fardo pesado e inutil.

As autoridades nas aldeias, representadas pelo regedor e pelo cura, não lhe ligaram importancia, e a pobre pequena achou-se de repente só, no enorme deserto da orfandade. Accrescia a circumstancia hedionda dos paes não serem do logar e, portanto, não terem ali parentes. Eram uns intrusos. A filha que fosse para a terra d'elles. Mas a pequena Rosa nunca ouvira fallar os paes na terra natal, e que ouvisse; era demasiado joven para isso lhe ficar de memoria.

Tinha seis annos e era um molho d'ossos. Quasi nua, uma camisinha e um saioe pelo meio da perna, era todo o seu trajo biblico... Na cabeça, uma floresta de cabellos ruivos, curtos e emaranhados, levantados como a crina de um leão, dura e aspera de terra. Os seus olhos, grandes e assustados, semelhavam dois botões de porcelana azul no seu esmalte nido. O seu peçoço esguio, fazia sobressair dolorosamente a sua extrema palidez da fome, apesar do ar azotado de campo.

Tudo, na pobre pequena, indicava a rude miseria do proletario rural.

Emquanto houve pão na arca, foi comendo, apesar de o molhar por fim em agua, para o poder roer; mas acabou-se esse supremo recurso, e a Rosa, accossada pela fome, errou pelos campos, indo ter com os trabalhadores, que lhe davam uma ou outra fatia de pão, e recolhendo á noite, saciada d'este levisimo manjar e refrescada d'agua pura, á choupina em ruínas onde morrera o pae.

Os homens condoídos, aventuraram por mais de uma vez algumas supplicas em favor d'ella, ás esposas; mas ellas respondiam invariavelmente:

—E' uma vadia mal acostumada já. E é mais uma bocca em casa.

Diante d'esta formidavel objecção economica:—mais uma bocca,—todos se calavam.

Deus, porém, na sua infinita misericordia, condoeu-se da pobre pequena. Um dia, em que ella, sentada á beira da estrada, mais faminta e melancolica do que nunca, espiava algum transeunte em quem fitasse o seu olhar de anciedade, passou um sujeito de uma apparencia estranha. Joven, bastante joven ainda e bem vestido, trazia contudo ás costas uma mochila como os soldados. Na mão, uma vara de uma grossura consideravel. O seu aspecto era inoffensivo, apesar d'este apparato bellico. A sua larga cara, imberbe, sorria involuntariamente do espanto causado á pequena montanheza.

O desconhecido parou e poz-se a examinar com curiosidade o aspecto extraordinario da Rosa. E teve de certo a sua idéa, porque lhe dirigiu as seguintes perguntas:

—Onde está teu pae?

—Não tenho pae.

—E tua mãe?

—Não tenho mãe.

—Irrei! Então quem te governa?

—Eu!

—Como? Tu governas em ti mesmo? N'essa idade é delicioso!

E que fazes tu?

—Nada.

—Bravo! E como vives?

A Rosa abriu muito os seus claros olhos, sem perceber. O rapaz levou então a mão á bocca, n'uma pantomima significativa e perguntou:

—Quem te dá de comer?

—Como e que me dá.

—Ah! percebe; vives d'escolas?

—Vivo.

A Rosa tinha o laconismo rude dos camponios solitarios.

O joven desconhecido disse-lhe então:

—Escuta bem o que te vou dizer. Se tu te conservares assim deitada, como estás, e muito quieta, sem mexeres nem mesmo com os teus bonitos olhos, e isto durante o tempo que eu quizer, dou-te uma coisa que tu nunca apanhaste. Queres?

—Quero.

—Então, muito quietinha

E o rapaz desatovelou a mochila, tirou uma pilheta, pinceis, uma tela preparada e abriu as tres hastes da vara, armando um cavallete de piator.

A Rosa, deitada de bruços entre o trigo amarello, com a cabeça erguida e apoiada nas mãos, os cotovellos fincados na terra, devorava, com olhos perdidos de curiosidade infantil, todas estas operações novas para ella.

O joven pintor, sorrindo-se e fazendo-lhe um gesto amigavel, drincipiou a bosquejar o seu quadro, transportado, febril, possuido do assumpto. Parecia que os seus pinceis se banhavam na transparencia do ar e a sua alma d'artista passava para a tela.



*Allegas*

OFFERECENDO A SORTE

A Rosa, como uma sphinge, immovel entre as espigas do trigo, que o seu debil corpo abrira como uma clareira, fitava a tela, surprehendida, não perdendo um unico movimento do artista.

E o joven pintor, continuava sempre rapido, febril, transportado, embevecido, como se o mundo se tivesse circumscripito aquelle tracho de paisagem.

Nenhum ruido cortava o silencio morno do campo, e o sol da tarde dourava de poesia aquelle consorcio da arte com a natureza.

As primeiras sombras do occaso, cortando a transparencia do ar, advertiram o pintor, que parou; e depois de ter guardado a pequena tela no estojo da mochila, ainda emocionado pela febril actividade anterior, dirigiu-se á pequena, deu-lhe um beijo casto, e disse-lhe:

—Agora, vamos lá a saber? O que queres que eu te dê em recompensa de teres tido juizo?

Ella, com a confiança da innocencia, refrescada na sua febre de miseria e abandono, por aquelle beijo fraterno de um desconhecido, que principiava a considerar como um irmão, disse simplesmente:

—Eu quero pão.

Era tão simplesmente animal esta resposta, que o pintor estremeceu e perguntou-lhe, inquieto, como se tivesse medo da realidade:

—Ha quanto tempo não comes?

—Desde hontem.

—Jesus! exclamou o pobre rapaz, n'um grito espontaneo de indignação e de dó.

E da sua alma sensível d'artista, assomaram-lhe duas lagrimas aos olhos.

—Vem d'ahi! disse elle á pequena, depois de um momento de reflexão.

Ella seguiu-o sem hesitar. Mas como elle era mais robusto e estivesse ancioso por chegar á primeira taberna da aldeia, teve de lhe dar a mão e quasi arrastal-a.

Na taberna, foi um espanto geral, quando o moço pintor entrou com a Rosa pela mão e lhe mandou dar de comer á farta, sentando-se ao pé d'ella a conversar como um velho amigo.

A' sahida, combinaram ambos encontrar-se todos os dias, enquanto elle se demorasse por aquelles sitios, a fim da Rosa lhe mostrar todos os pontos pittorescos dos arredores.

E o moço pintor, tendo-se-lhe afeiçoado, comprou-lhe duas cabrinhas, cujo tratamento ella não ignorava, porque tinha sido esse o commercio dos paes. E collocou a Rosa sob a protecção do padre cura, ao qual havia feito o retrato a oleo, gratuitamente.

No anno seguinte, o joven pintor obteve um triumpho na exposição de quadros a que concorreu. A sua paisagem da rapariga entre o trigo, foi muito apreciada pela originalidade e pela verdade, e foi adquirida por alto preço. Adquiriu nome e encomendas de trabalhos da sua arte.

Apenas chegou o estio, foi visitar a sua pequenina amiga, a cujo perfil estranho, espirrando dor e lagrimas, devia o exito do seu quadro. Encontrou-a muito crescida e completamente mudada.

—Já não passo fome! disse-lhe ella com um sorriso feliz em que havia beijos de reconhecimento.

Elle, encantado com a alegria que lhe via no rosto, e mais pratico do mundo do que ella, perguntou-lhe se queria que lhe comprasse uma vacca para augmentar o seu negocio.

—Se quero! exclamou a rapariga, saltando de contente.

Foi dito e feito. O joven pintor comprou e offereceu-lhe uma soberba vacca, que fez rebentar de inveja a aldeia em peso. Moveram-lhe crua guerra os camponios. Esta lucta durou quatro annos. No fim d'elles, a Rosa confessou ao pintor, que a ia visitar todos os annos, que não podia mais viver na localidade. Elle então aconselhou-a a que se mudasse para os suburbios de Lisboa e viesse vender o leite á cidade. Um anno depois, estava installada.

Hoje, decorridos mais alguns annos, a Rosa é uma guapa rapariga, fresca, desempenada, attrahente; e, quando todos os dias vai levar o leite a casa do pintor, ás dez horas da manhã, muito de proposito para o encontrar já levantado, elle, sempre alerta, vem logo á escada atraz da mãe e das irmãs e mette-se na conversa, apesar dos remosques e das gargalhadas ironicas das meninas, que perguntam ao irmão, com uma gravidade comica:

—Quando é o casamento?

A Rosa, tornando-se então muito vermelha, desce precipitadamente a escada, sem querer saber do dinheiro do leite. E a mãe do pintor, debruçando-se no corrimão, do alto do quinto andar, grita-lhe, sustendo o riso:

—O' menina Rosa! Olhe o vintem que lhe esqueceu! Então, não querem ver!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## OS CASINOS MILITARES NA ALLEMANHA

Como se recruta na Allemanha o corpo de officiaes do exer-

cito? Como se regula o seu accesso? Qual é a sua situação material e moral, o seu papel na sociedade, o seu modo de viver, etc.?

Um curioso livro, que acaba de publicar-se em Paris, com o titlo *L'officier allemand, son rôle dans la nation*, responde a todas estas perguntas. O author anonymo d'este volume viveu durante muitos annos nas margens do Rheno, e o seu livro revela um conhecimento directo e pessoalmente adquirido de tudo quanto respeita aos officiaes allemães.

O corpo d'officiaes, diz o author, é na Allemanha uma especie de Estado dentro do Estado, e não reconhece senão um chefe, —o imperador— a quem está ligado em corpo e alma; significa isto que a Allemanha é mais que uma nação; é um systema que tem a razão de Estado como base e o quartel como meio. Foi o corpo d'officiaes quem, em 1870, deu a victoria á Allemanha; é elle quem, hoje, constitue a chave da unidade do Imperio. Comprehende-se pois que a organização d'um tal corpo exija os maiores cuidados.

No exercito allemão chega-se a official de duas maneiras: passando pelo corpo de cadetes, ou entrando como voluntario n'um regimento qualquer.

As escolas de cadetes teem um certo numero de classes, que é mister atravessar successivamente, depois de exames muito rigorosos e difficeis.

Pelo que respeita aos mancebos que desejam entrar no exercito na qualidade de *privilegiados*, devem ser primeiramente admittidos por um commandante de corpo, exigindo-se-lhes diplomas que provem um certo grau d'instrucção militar.

Antes da sua admissão definitiva procede-se a um minucioso inquerito acerca do aspirante, sobre a sua maneira de viver, as suas tendencias, costumes, relações, familia, etc. Uma vez admittido, nomeiam-n'o *sub-official* e mandam-n'o estudar para uma escola de Guerra durante nove ou dez mezes, findos os quaes ascende. Desde esse momento cessa toda a differença entre cadetes e privilegiados. Caminham a par uns dos outros, sem distincção d'origem, e esperam a promoção ao posto d'alferes, por antiguidade.

Quando se dá uma vaga, o commandante do corpo reúne os seus officiaes, para decidirem sobre se o mais antigo dos *farbich* é digno de ser nomeado. Se a maioria diz que não, elimina-se este da lista e passa-se ao outro seguinte. Se, pelo contrario, a maioria lhe foi favoravel, os officiaes que lhe negam os seus votos ficam obrigados a explicar as razões porque o fizeram, e o imperador é sempre quem resolve.

De taes garantias moraes se rodeia o alistamento dos officiaes na Allemanha.

O accesso em cada posto é feito por antiguidade, até ao de capitão inclusivé. Passado este posto, o turno é geral no exercito. Fazem-se algumas excepções a esta regra em favor dos ajudantes da imperador e dos officiaes da Academia de Guerra que obtiveram o diploma de Estado Maior. A' parte isto, o principio da antiguidade observa-se rigorosamente, como no nosso exercito; e o official que vê que lhe passa a sua vez e não é promovido, já sabe que não lhe resta senão reformar-se ou pedir a demissão. Significa isto que o julgam incapaz de desempenhar as funcções do posto immediato.

D'esta forma expurga-se o exercito de todos os officiaes cuja inaptidão fôr reconhecida.

N'uma palavra: o accesso faz-se por escolha dentro da antiguidade.

E' lento este accesso. Termo medio, os officiaes servem 40 annos como alferes, 6 como tenentes, 13 como capitães, 10 a 11 como majores e tenentes coroneis e 5 como coroneis.

Como, geralmente, são alferes aos 20 annos, só veem a ser promovidos a coroneis aos 58 e a generaes aos 62.

O soldo paga-se por mezes adiantados.

Note-se que os officiaes gozam de privilegios sociaes, que fazem com que a profissão das armas, considerada como a superior por excellencia, seja muito cobiçada na Allemanha.

No intuito de dar a maior adhesão possivel aos corpos d'officiaes, o governo allemão creou e desenvolveu em grande escaia os casinos militares. Estes estabelecimentos, onde os officiaes comem juntos—o que para elles constitue uma grande economia—compõem-se em geral de uma ou mais casas de buffete, d'uma sala de jogo (os d'azar são rigorosamente prohibidos), d'um salão para conferencias, votações, reunião dos officiaes da guarnição, d'um gabinete de leitura, bibliotheca e sala para as sessões do tribunal de honra.

Em todas as salas reina uma certa affectação apparatusa. Vem-se ali os retratos dos soberanos allemães, os dos camaradas mortos á frente do inimigo, lembranças offerecidas por antigos commandantes de corpos, quadros de batalhas, tropheos d'armas conquistados na guerra, n'uma palavra, tudo quanto pode ferir os olhos ou a imaginação dos officiaes novos.

A instituição dos casinos tem por fim desenvolver uma grande intimidade na existencia dos officiaes que, viveado uns com os outros, sem nenhum elemento estranho, não teem por isso motivo para se violentarem nos seus actos ou nas suas palavras. E' ali onde se educam os officiaes novos, onde se lhes ensinam os preceitos do pundonor e da honra.

Os officiaes que fôrem casados, bem como os capitães e os



officiaes superiores, não são obrigados a comer com regularidade no Casino. Todavia, vão ali frequentes vezes e são cordeal e calorosamente acolhidos.

O regulamento prescreve que o corpo d'officiaes completo se reuna, ao menos uma vez por mez, em volta da mesma mesa, a jantar. Este banquete chama-se *Festmahl*, banquete d'amizade.

Nem todas as cidades que teem guarnição, teem Casino pertencente ao Estado; mas em todas ellas existe um, que se installa ou em casa alugada para esse fim ou em um hotel. Quando o Casino, e isto é o mais geral, pertence ao Estado, quem o serve, ordinariamente, é a mulher ou a viuva d'um sargento, sob a vigilancia d'um capitão e dois tenentes.

Os officiaes subalternos, solteiros, são obrigados a comer uma vez por dia no Casino. Esta comida em commum tem lugar ás 2 horas da tarde. O preço varia entre 200 e 240 réis.

Os casinos não pagam direitos d'alfandega nem impostos pelas bebidas que n'elles se consomem, o que lhes permite vendel-as aos officiaes por um preço bastante modico.

Não resta duvida alguma de que estas instituições de casinos d'officiaes contribue muitissimo para o desenvolvimento do espirito militar na Allemanha.

CASTOR.

## AS NOSSAS GAVURAS

### ANGOLA

Apresentamos hoje uma vista da propriedade «Santa Izabel» dos srs. *Prazeres Irmãos & C.*, de Loanda.

A propriedade «Santa Izabel» é cortada por tres ruas perfeitamente rectas, como a que se vê na nossa gravura, com mais de uma milha de extensão cada uma e orlada de 10.000 bananeiras aproximadamente, que, ao passo que embelezam a fazenda, dão fructo para a sustentação de parte do pessoal do trabalho.

Por esta gravura pode apreciar-se devidamente o estado de desenvolvimento d'aquella importante propriedade, devido somente ao esforço particular dos seus proprietarios.

### AZEITÃO

#### PALACIO E QUINTA DE AFFONSO DE ALBUQUERQUE—BACALHOA

Azeitão foi, nos seculos passados, o sitio escolhido pelas primeiras familias do reino para residencia de campo, e nenhum para isso mais azado. Colocado no centro da península formada pelo Tejo, Sado e Atlantico, que lhe temperam o clima, recebe as correntes dos ventos purificadas pelas florestas circumvisinhas. O seu assento nos flancos das collinas, em quo pousa, dá-lhe facilidade de obter abundantes aguas e o seu torrão uberrimo dá rapido desenvolvimento ás plantações.—O porto de Coima, a 10 kilometros de distancia, apresentava, para então, incommodo accesso á capital e o rio servia de dique á invasão dos importunos de cada dia. Em Azeitão vivia-se em familiar repouso. Eis porque uma faxa de 8 ou 10 kilometros, correndo parallela a Lisboa, se achava semeada de habitações das familias mais gradas.

D. João II, para liberar o reino da anarchia oligarchica, que seu pae deixara estabelecer, fez decapitar em Evora Fernando de Bragança, e para escapar com vida ao punhal dos assassinos, teve de fazer, pela propria mão, dura justiça sobre o duque de Vizeu. D. Diogo deixou orphão um filho havido da duquesa de Villa-Hermosa, sua amante. O rei cuidou do rapaz.—D. Manuel depois reconheceu-o como sobrinho e fel o condestavel do reino. A infanta D. Brites, sua avó, casando-o com D. Joanna de Noronha, deu-lhe outros bens, comprehendida a sua quinta em Azeitão.

De D. Affonso e D. Joanna nasceu D. Brites de Lara, que casou com seu primo, D. Pedro de Menezes, 3.º marquez de Villa Real, e a quinta foi dote da desposada.

Affonso de Albuquerque, o heroe da India, tinha um filho natural, por nome Braz, e, fallecendo, recommendou-o a D. Manuel. O rei fel o educar no convento de S. Eloy, pagou-lhe as quantias devidas a seu pae, deu-lhe a posse dos bens patrimoniaes e fez-lhe outros dons. Braz trocou o nome baptismal pelo de Affonso de Albuquerque e casou com D. Maria de Ayala de Noronha, filha do conde de Linhares.

O bastardo desconhecido estava senhor de valiosos haveres e a posse de um grande nome.

Em 1528 comprou, por quatro mil cruzados de ouro, aos marquezes de Villa Real, a sua quinta de Azeitão, que se compunha

de diversas propriedades, ruraes havendo, na mais vasta e importante, paços, casas, officinas agrarias e abundantissimas aguas. Foi então que Affonso de Albuquerque escolheu para assento do seu palacio e tão grossas quantias empregou nas construcções e tão magnificas as tornou, que os escriptores coevos lhe chamam a grande quinta de Affonso de Albuquerque.

O logar foi acertadamente escolhido, uma planura no caio de um monte, a que apenas um muro de suporte bastou para formar dois taboleiros vastos e nivelados. N'um angulo collocou-se o palacio; no opposto lançou-se um lago immenso, servido de copiosas aguas e limitado pelo sul por tres pavilhões communicados por duas graciosas galerias caindo sobre o lago e abertas por arcarias bem lançadas. A disposição é famosa; mostra que um espirito fino tudo delineou e que o proprietario e o architecto se comprehendiam.

A cerca é um parallelogrammo com 45:000 metros de superficie. O plano inferior tem 25:000 metros, o superior, o em que está o palacio e o lago, tem 20:000. No primeiro ha 5 torreões circulares, de 2,20 metros de raio, cuja cobertura é semiespherica, em gomos, com um lanternim no centro. São collocados 2 nos angulos inferiores, 1 no centro do pau do muro intermediario, os dois restantes no meio dos muros lateraes. Nos intervallos ainda ha nichos, hoje vazios. No plano superior tudo é mais grandioso; corria-lhe em volta uma rua com pavimento de tijolo e alegretes de famoso azulejo; os muros tinham o mesmo revestimento pela parte interior. Os angulos inferiores d'este plano são occupados por dois pavilhões de telhados ponteagudos, denominados «casa das pombas e casa da india». O nome d'este ultimo vinha-lhe de ter nas paredes umas telhas com as vistas das cidades da Asia, aonde mais tinham brilhado as façanhas de Affonso de Albuquerque. Estas telhas foram totalmente destruidos e pena é porque por ellas se viria se no delineamento da quinta e palacio se seguiu os traços geraes, como se diz, de uma d'essas praças portuguezas. Sobre os muros havia pyramides intervalladas com espheras sobre pedestaes, figurando ameias; poucas já restam.

O lago, quadrado de 31,80 metros de face, comporta 1:900 metros de agua. O muro, que lhe fica ao poente, forma dois grandes quadros emoldurados com azulejo e dentro de cada quadro um nicho, em que houve estatua, e dois magnificos medalhões com figuras de relevo muito alto.

O palacio é em forma de esquadria, tendo em cada extremidade dos lados um torreão circular: para o norte tem 2 galerias cobertas e outra na face do Oeste, que olha para o jardim. Dá-lhe entrada um vasto pateo de 1:686 metros quadrados, com um portão para o norte; havia outro para o sul, totalmente já destruido, e defrontando o palacio está uma galeria formosa, aberta por 13 arcos sustentados por 14 columnas e terminada por dois torreões circulares, de altura inferior aos do palacio. No interior da casa nada ha de notavel: salas espaçosas e altas, resentindo-se de falta de luz, por lhe não serem as janellas proporcionadas.

Tudo ali é ruina e destruição. Arrecadado ha muitos annos, está totalmente abandonado pelo proprietario, para dar uma idéa do estado da casa, bastará dizer-se que um soberbo armario de talha em carvalho achava-se não ha muito n'uma sala, cujo tecto era escorado por uns pinheiros. N'uma outra sala também existiam uns excellentes aitas muitos antigos e abandonos.

Só os azulejos e medalhões de louça que revestem as paredes da quinta, dos pavilhões, do lago e das galerias mereciam um artigo especial, talhado por mão de mestre. O azulejo, que reveste as galerias do lago, é verde, em relevo, genero hispano-arabe; no centro de uma das paredes estão desenhadas as armas dos Albuquerque.

No pavilhão central, todo forrado de azulejo, havia 3 quadros; um está quasi totalmente destruido; o do fundo representa o Tejo; o outro Suzana surprehendida no banho, e sobre o portico de um palacio que forma o fundo do quadro, lê-se 1565, de certo a data em que o azulejo foi fabricado.

No muro do sul da quinta ha 12 medalhões—na parede do lago 4—e na que se lhe segue 7—pela maior parte mutilados.

Como simples observador, daremos dos medalhões exacta noticia, para que possa facilitar o seu estudo aos entendidos.

As 3 divisões, que acima fizemos, poderão também servir para a sua classificação, porque parecem distinctos.

Os 12 do sul são todos de igual tamanho, circulares e emoldurados n'uma grinalda de pequenas flôres azues; as cabeças são de tamanho natural e de bastante relevo; representam heroes da antiga historia. Caminhando de este a oeste, teremos:

1.º—Martios Cras—fundo azul, a figura é branca e da mesma peça do que o fundo.

2.º—Trajanos imp.—fundo azul, figura branca separada, isto é, não constitue com o fundo uma só peça, como o precedente.

3.º—Scipio Afr.—igual ao 1.º.

4.º—Divi. Jol. Cos... fundo verde, figura branca e ligada.

5.º—Annibal Cart.—como o 2.º.

6.º—como o 1.º.

7.º—Motios Sco.—como o 2.º.

8.º—Nerone Cla.—como o 2.º.

9.º—Alex. Max.—como o 1.º.

10.º—Pompeios—como o 2.º.

11.º—Octavianos Aug.—como o 4.º.



MODAS

12.º—como o 4.º.

A grinalda, que cerca cada um dos medalhões, é separada e feita de peças só juntas ao serem argamassadas.

Os 4 medalhões, que estão na parede do lago, são muito maiores do que os demais; não apresentam só cabeças, mas o busto completo e colorido, e as cercaduras teem profusão de fructos, flôres e folhas.

Os 7 medalhões, que se seguem, teem as dimensões dos 12 primeiros; as cabeças são menos elevadas, brancas e sem legenda; são inteiriços, excepto as molduras; o fundo em todos é azul.

Nenhuns parecem do author dos da Madre de D. us, e que se acham no Museu da arte ornamental em Lisboa.

Vejam agora o que nos diz Jacquemart das produções de Lucca Della Robbia, que vivia em meados do seculo XV. «Nas primeiras obras de Lucca destacava se unicamente as figuras brancas sobre um fundo azul (bleu lapis); nas segundas apparece o verde, o arroxado (brun violacé) e o amarello... Cerca as suas composições de uma corôa vegetal; as flôres são de um doce relevo e escolhidas entre as mais simples, como a rosa do jardim e a silvestre ou o liz. O seu esmalte é delgado e quasi transparente; o azul dos fundos é brando e suave.»

«Andrea, sobrinho de Lucca, fabricou muitos medalhões. As molduras são mais pesadas, pelo abuso de cabeças de cherubins e substituição de fructos ás flores... Falleceu em 1528.»

Estas passagens de Jacquemart parecem feitas para os medalhões de que tratamos; mas como combina a marca encontrada com o character das produções dos Lucca tio e sobrinho?

Emfim, lançamos a questão, e os competentes poderão concluir-a e conduzi-la a bom termo, se a incuria, o desleixo, o desamor e o desconhecimento do proprietario da quinta não inutilisarem aquellas reliquias do passado, permitindo a final destruição do pouco que já resta de pé.

Nunca a quinta teve nome proprio e foi sempre designada pelo de seus donos; chamou-se quinta do Bacalhao por ter pertencido a D. Jeronymo Manoel, «o Bacalhao», que n'ella falleceu em 1620.

Em 1730 ainda se encontra assim nomeada, mas depois, sob a administração de D. Francisco de Noronha, passou a ser conhecida por quinta da Bacalhôa.

Nasceram no palacio Luiz de Mendonça Furtado e Albuquerque, vice-rei da India e 1.º conde do Lavradio, baptisado em S. Simão a 4 de julho de 1627. Jeronymo Manoel, irmão do precedente, baptisado na mesma freguezia a 14 de agosto de 1630; foi capitão de cavallaria, mestre de campo de um dos terços de Lisboa; assistiu á batalha do Canal em 8 de julho de 1663, sendo o portador da nova da victoria. Affonso VI fel-o governador de Pernambuco.—Conspirando para o restabelecimento d'este rei, foi condemnado á morte, e, por influencia de seu irmão, alcançou ser-lhe commutada a pena em degredo perpetuo para a India, onde falleceu.

—Francisco Sebastião Manoel de Albuquerque, filho de D. Jorge Manoel e D. Theresa Coutinho; nasceu a 20 de janeiro de 1650, e foi baptisado em S. Simão no dia 5 de fevereiro.—Seguiu a carreira das armas, achando-se na tomada de Evora em 1663.—Passou á India em 1666 com o vice-rei conde de S. Vicente, e ahi falleceu.

—Jeronymo Manoel, irmão do precedente; foi baptisado em S. Simão em 21 de junho 1639; herdou os morgados de seu pae, mas pouco lhe sobreviveu.

Quando Affonso IV vinha a Azeltão, alojou-se n'este palacio e foi nas suas proximidades que em 1660, um touro, democrata irreverente, o maltratou, a ponto de ser logo conduzido em liteira de Cacilhas para Lisboa.

Em 1767 D. José I occupou o palacio.—D'aqui expediu, no 1.º de dezembro, um alvará ampliando a criação do deposito publico e outro sobre certas disposições disciplinares do Collegio dos Nobres.—No dia 5 respondeu ao breve de Clemente VIII, que lhe propunha a reconciliação entre a curia romana e a côrte de Lisboa. O conde de Oeiras tambem d'aqui respondeu ao breve, que o mesmo Papa lhe tinha dirigido, e escreveu ao nuncio de Madrid.

Como a propriedade chegou a um dos Costas de Metella, 6.º neto de D. Alvaro da Costa Queimado, deão da Guarda, e de Maria Manoel, já n'outro ponto se disse, (a) o transito foi juridico, mas é devêras tortuoso.

Um dos espiritos mais levantados da presente geração, visitando a quinta e vendo-se em presença de tantas arcarias por terra, de tão bellas produções artisticas mutiladas, finalmente no meio de uma destruição vandalica, escrevia:—«A Bacalhôa é um documento architectonico de primeira plana para a historia da civilização e da cultura nacional do seculo XVI.»

«O proprietario é um homem a quem o palacio seria expropriado por decencia nacional no dia em que houvesse em Portugal um governo com alguns vislumbres de respeito pela gloria intellectual do paiz.»

J. RASTEIR.

(a) *Economista*, n.º 1:120, de 22 de maio de 1885.

DR. AUGUSTO DA FONSECA COUTINHO

E' já um pouco tardia a homenagem prestada pela *Illustração Portuguesa* a este morto sympathico, mas nem por isso deixa de ter o cunho do mais profundo respeito e da mais viva saudade.

Não vimos fazer-lhe a biographia: anda feita em todos os jornaes do paiz, que todos elles—tal era o prestigio do nobilissimo character de Augusto Coutinho—registraram com palavras de verdadeiro affecto a sua desappareição permatura nas trevas do tumulo.

O nosso intuito é segredarmos d'aqui ao morto saudoso aquillo que nunca podêmos dizer-lhe em vida:—que tinhamos pela sua educação primorosa, pela doce limpidez da sua alma immensamente gentil, pelos seus talentos, pela sua palavra sempre cortez e fina, e pelo seu cavalheirismo aust-ro, a veneração que nos inspiram as grandes coisas e os grandes characteres.

Segredando isto á sua memoria veneranda e querida, testemunhamos conjunctamente a todos quantos o amaram e choram, que a nossa alma não foi alheia á dôr por elles experimentada.

Augusto da Fonseca Coutinho morreu quasi quando os outros começam a viver: — aos 31 annos. E morreu rodeado d'affectos e de benções, de sympathias e de respeitos, quando via esboçar-se diante de si um futuro ridentissimo.

Fôra deputado na legislatura de 82 a 84, e governador civil desde 84 a fevereiro de 86, em que cabiu a situação regeneradora. Da sua passagem na Camara, deixou gratas recordações a todo o quanto se honraram de o ter como collega sem distincção de partidos. Da maneira porque governou os districtos de Bragança e Angra, fallam eloquentemente as homenagens que esses districtos lhe tributaram em vida e lhe consagram ainda, depois de morto.

E' que elle, pela sua indole bondosa, pela extrema correcção do seu porte fidalgo, pelos requintes da sua modestia pelo seu espirito altamente conciliador e pela sua grande alma riquissima de inestimaveis dotes, só sabia inspirar sympathias e affectos.

Esses affectos hão de florescer sempre sobre o seu tumulo, porque ninguem os creou mais sinceros e mais profundos.

#### OFFERECENDO A SORTE

A gravura que damos com este titulo, é copia d'uma formosa aguarella do brilhante artista sevilhan, Villegas, que hoje tem uma reputação europea.

A aguarella representa um matador de touros, alçando na mão direita a *montera* e empunhando com a esquerda o estoque e a muleta, na occasião de offerecer a sorte, diante do camarote da presidencia, e de soltar a saudação tradicional: *Brindo por Usia...*

A composição, sendo simples, é genuinamente hespanhola: exprime com a maior naturalidade a attitudê do espada no acto do brinde e a estoica indifferença do picador que, encostado á trincheira e com um lenço amarrado á cabeça, fuma tranquillamente um cigarro.

Esta e outras aguarellas dos primeiros artistas hespanhoes, foram ha tempos offerecidas em album á gentilissima rainha de Hespanha, pela *Real Academia de Jurisprudencia e Legislação*.

#### MODAS

Offerecemos hoje ás leitoras um modelo refinadamente parisiense, que, de certo, deve merecer as suas sympathias.

E' o modelo d'um chapêu de feltro alvadio, forrado de velludo preto, tendo a aba prolongada na frente. A copa é baixa, guarnecida com um galão de passamantaria, e tem no alto e na frente um pennacho e cinco plumas, cujo pé desapparece, occulto por uma ave de phantasia.

Lindissimo e do mais fino gosto.

#### ADONIS

(Do esculptor portuguez, Simões)

«Adonis», filho do incesto de Myrrha com seus pae Cinyras, foi creado pelas Dryades, nymphas dos bosques, e a sua belleza era tão notavel, que Venus o escolheu para seu favorito. A deu-

sa, na sua sollicitude, acompanha o moço caçador nas florestas, mostrando-lhe os perigos a que se expunha.

Adonis, desprezando estas advertencias, perseguia com ardor as feras e matava-as denodadamente com as suas certeiras flechas.

Um dia, porém, errou um javali e foi por elle ferido mortalmente. Neste javali supõe-se escondido um deus cioso, Marte ou talvez Appollo. Ainda que a deusa soube logo tamanha desgraça, ainda que, para soccorrer o seu bello Adonis, não temeu ensanguentar os pés delicados nos espinhos das roseiras, cujas flores, outr'ora brancas, d'ahi por diante se tornaram da cor d'aquelle sangue, encontrou-o já estendido, sem vida, no campo.

Para suavisar as suas dores, não pôde senão mudar o em anémoma, flôr que dura tão pouco, e obter de Jupiter que o deixasse estar só metade do anno com Proserpina no inferno e outra metade com ella no Olympo.

Esta fabula é uma allegoria do inverno e do verão, e talvez seja de origem egypciaca; mas Adonis era principalmente adorada em Byblos, na Phenicia. D'ahi, o seu culto espalhou-se pela Grecia, pela Syria, nos babilonias e nos persas; os judeus tambem o conheceram. As festas chamadas «Adonas», celebravam-se, com grande pompa, em Byblos, em Athenas, em Alexandria, etc., e comprehendiam duas ceremonias: uma de luto, para deplorar a morte de Adonis, outra de alegria, para celebrar a sua resurreição.

O culto de Adonis foi tão derramado na antiguidade que poucos paizes se encontram onde não haja d'elle vestigios.

## A FAMÍLIA

Era no tempo em que houve um diluvio na Bretanha, não o diluvio de todos, mas o que se arranhou de proposito para a Bretanha.

O Monte de S. Miguel fazia então parte da Terra firme, e ainda para lá existia, á beira do rio de Conesnon, a freguezia de S. Vinol, que está agora debaixo de agua, na bahia de Cancale, a sessenta braças de profundidade.

Amel, filho de Raul, guardava os rebanhos do senhor de S. Vinol. Quando chegou aos vinte e cinco annos casou com a loira Penhor, que tinha então 18 annos. Amavam-se devéras. Ella era bondosa e linda, elle alto e forte, e não tinha medo do trabalho. Era elle que levava a Virgem aos hombros, no dia da festa de agosto.

Era toda de prata a Virgem de S. Vinol, e era rica, porque a gente da terra suppunha que resgatava os seus peccados com o linho, o trigo e a lã que depunha aos seus pés. Enganava'n-se; os peccados só se resgatam com o arrependimento.

Amel e Penhor não tinham filhos. Quando Amel estava no campo, e Penhor ficava sósinha na cabana, pensava tristemente: Se eu tivesse no collo um querido pequenino que fosse o retrato de meu marido, como eu seria mais feliz!

E Amel pensava, enquanto guardava os rebanhos de seu amo: Se Penhor, a minha adorada mulhersinha, me desse um querido filho que fosse o seu vivo retrato, que alegria, que esperanças em nossa casa!

Uma vez Amel, que voltava todo preocupado dos pastos, disse:

—Penhor, minha mulhersinha, se tecesses um bonito véu a Santa Maria sempre Virgem, talvez ella te desse um anjinho para tu embalares.

Imaginam que seja um homem que pense primeiro em qual-quer coisa? Não! E' sempre a mulher. Penhor foi buscar o veu que já estava tecido, mais branco do que a neve, e mais transparente que os nevoeiros de verão.

A mãe de Deus quando o viu, ficou satisfeita e acceitou-o. Amel e Penhor tiveram um filhinho, e amaram-se ainda mais ao pé do berço da criança.

Quando a criança chegou aos nove dias, Penhor, que ainda estava muito fraca, tomou-a nos braços e foi ao altar da Virgem.

—Santa Maria! disse ella ajoelhada, aqui está o thesouro que tu nos deste. Nós t'o restituimos, que seja teu e que cresça, consagrado á tua celeste côr. Olha para elle, doce Virgem, chamá-mos-lhe Raul, como se chamava o pae de seu pae. Olha bem para elle, para que o conheças quando elle precisar de ti.

Não se sabe se foi por causa dos peccados da freguezia de S. Vinol, se por causa dos peccados de todas as freguezias, mas de subito, n'uma noite malfadada, a agua do rio intumeceu como a agua quando ferve e que salta para fóra do vaso que a contém. O vento soprava tempestuosamente, a chuva cahia em torrentes, a terra parecia tremer de febre. Cobriu-se de agua toda a planicie, e quando rompeu a manhã, viu-se que não era o rio que transbordava, era o mar.

Vinha o mar sombrio, onduloso, e revoltoso. Rompera as barreiras que á sua colera oppozera a mão de Deus.

Vinha, caminhava, já se não chamava mar, chamava-se diluvio.

Como a igreja de S. Vinol estava situada n'uma altura, os inundados fugiram para lá, mas Amel e Penhor ficaram á porta da sua casa, que ainda ficava mais alta do que a igreja.

E quando a agua chegou, subiram com o pequeno Raul para o primeiro andar, e, quando a agua os seguiu, treparam para o telhado. A agua subiu atraz d'elles.

—Meu marido, disse Penhor, vamos morrer todos juntos!

—Não! respondeu Amel.

—O que! disse ella. Pensas em abandonar nos?

—Não, tornou o pastor.

E a agua subia. E elle accrescentou em pé, na aresta do telhado:

—Pego no nosso Raul ao collo. Vou-te ajudar a trepar por mim acima; põe os pés em cima dos meus hombros, e segura-te bem.

Penhor deitou-se-lhe ao pescoço, chorando a bom chorar.

—Nunca! disse ella.

—Despacha-te! Despacha-te! que é por causa do pequeno. Segurando-te em cima de mim, vives mais um instante, e quem sabe? Talvez a agua pare. Adeus, minha querida mulher. Se eu morrer, se tu te salvares, bom será. Diz ao Raulinho que se lembre do pae.

Penhor obedeceu, e, apenas subiu, passou a agua por cima da cabeça de Amel.

Penhor, chorando doidamente, segurava na creança. Quando a agua lhe chegou á cintura, levantou o pequenino Raul, depois de o ter apertado ao peito, e disse-lhe:

—Trepas por mim acima que eu te ajudo. Põe os teus pézinhos nos meus hombros, e segura-te bem...

—O' mãe! disse a creança. Eu não quero.

—Anda, depressa. Quero eu. Talvez a agua enfim venha a parar. Segurando-te a mim, sempre duras mais um instante, e, se te salvares, bom será. Adeus, meu querido, meu querido filho, meu coração. Lembra-te de teu pae e de tua mãe.

Não pôde fallar mais, porque a agua lhe chegou á bocca. Por cima das vagas via-se apenas a loira cabeça de Raul e uma dobra do seu vestidinho azul, que fluctuavam na corrente.

Ora a Virgem de S. Vinol exactamente n'esse momento sahia pela mais alta janella da igreja, onde estava tudo alagado, abandonando o seu nicho submergido para se refugiar no céu. Levava consigo todas as suas offerendas. Quando soltou o vôo, descortinou a cabeça loira do Raulsito, e a dobra do seu vestido azul. E a Virgem parou.

Esta creança pertence-me, disse ella. Quero leval-a tambem.

E effectivamente deitou a mão aos seus finos cabellos, suppondo que podia levantá-la facilmente, mas a creança era pesada, tão pesada em proporção do seu corpinho tão pequeno, tão pesado, que a Virgem foi obrigada a largar todas as suas offerendas, e a puxar com ambas as mãos.

Quando largou tudo, o linho, os tecidos, e as flôres, pôde enfim puxar a creança, e então deixou de se espantar do peso. Penhor, sua mãe, afferrara-se-lhe com os seus dedos moribundos, e com os seus dedos moribundos tambem á pobre mãe se afferrara o marido e o pae.

—Oh! disse a virgem, commovida e alegre, ao ver este cacho de corações, Deus realmente na terra fez coisas bem formosas.

E n'um panno do seu vestido estrellado mettu o pae, a mãe e o filho, tres amores que teem um nome só — a familia!

PAULO FÉVAL.

## EM FAMÍLIA

(PASSATEMPOS)

### Charada

Por um capricho, certo brasileiro,  
Que bom dinheiro, dizem possuir,  
Uma propriedade bem construida,  
Quiz, n'Avenida, mandar erigir.

Tenção formou, após um bom terreno  
Nada pequeno, escolher e pagar,  
—Eile, que n'outros tempos fóra bem p bre,—  
De o andar nobre sosinho habitar.—2

Um architecto mui intelligente  
E competente, de tudo encarregou;  
E assim que a planta foi apresentada,  
Logo approvada por elle ficou.—1

Até que a obra seja terminada,  
Boa manada, como se verá,  
O brasileiro, muito a seu contento,  
Aqui sustento de contos dará.—2

Porém lhe compensa, a enorme despeza  
Que, com certeza, na construcção faz,  
De que o seu capricho de brasileiro,  
Por bom dinheiro, embora, satisfaz.

Se acaso o leitor, por curiosidade,  
A propriedade de quer ir admirar,  
Note que um macaco, á porta captivo,  
P'ra *distinctivo*, o homem fez collocar.

MATHEUS JUNIOR.



ADONIS

(Do esculptor portuguez, Soares)

**Logogrifo**

Vou-lhes já buscar  
Gentil avesinha;  
Tem lindo cantar!  
E' tão catiñhal...—1, 7, 4, 4, 2

E' ave amorosa,  
Tem encantos mil,  
Não ha mais formosa,  
(Creio ser do Brazil).—1, 7, 1, 2, 4, 3

Tenho sobre a mesa,  
Com estimação,  
Ave, mas chinesa,  
Dentro d'um caixão.—6, 2, 1, 3, 5

Um governador  
Lá do Malabar,  
Por ter mui valor,  
M'a veio offerar.—1, 7, 4, 3, 2, 6

Que alma tão bondosa!  
Só me q'ria dar  
Cousa grandiosa  
Que o ia arruinar.—6, 7, 3, 4, 2

Eu não acceitei,  
E p'ra o convidar,  
Machina lhe dei,  
Que o fez alegrar.—6, 2, 4, 5

E dei-lhe tambem  
Tecido fininho,  
Onde inda hoje tem  
O tal passarinho.—4, 5, 6, 2

Um dia, a avezita  
Fugiu ao patrão;  
Foi preza a uma fita  
Mas com *precaução*.

Castello Branco.

F LOPES

**Problema**

Uma vendedeira de fructa tinha, para vender, 100 laranjas. Vendeu da primeira vez um certo numero d'ellas. Vendeu depois um numero d'ellas igual ao primeiro; depois outro igual a metade do primeiro; depois outro igual á quarta parte do primeiro. No fim restou-lhe uma, que ella comeu: pergunta-se quantas vendeu da primeira vez?

**Decifrações**

Das charadas:—Villasboas—Mata-sete.  
Do logogrifo:—Familiares do Santo Officio.

**A RIR**

Ultimo echo do dia d'Anno Bom.

O caixeiro d'uma das mais importantes casas de commercio de Lisboa, submete ao patrão a lista de todos os empregados, para que elle marque, diante de cada nome, a cifra da gratificação que lhe costuma dar, a titulo de consoadas.

O patrão percorre a lista; de repente pára e risca um nome:  
—Este não precisa de gratificação. Morreu-lhe hoje a sogra.

Entre duas amigas:

—Sabes que a viuva do Ernesto vae casar?

—Pobre Ernesto, e elle que a estimava tanto! Ainda bem que morreu; evitou assim o desgosto de ver o segundo casamento de sua mulher!...

O que é a idade?

—Um rio que as mulheres pretendem fazer retroceder depois de trinta annos de curso.

**UM CONSELHO POR SEMANA**

OLEO DE ROSAS

Põe-se de infusão por 3 dias uma porção de folhas de rosas em um litro de agua quente. Cõa-se e junta-se-lhe um litro de aguardente: boa, 250 grammas de assucar refinado, 30 de canella e casca de noz muscada.

Abandona-se por 8 dias, e filtra-se.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica